

CONTRA O SILÊNCIO PEDAGÓGICO: DIÁLOGO E CONFLITO NA CONSTRUÇÃO DE UMA RACIONALIDADE CRÍTICA EMANCIPADORA

LEITE, Leiny G. S.¹

GOMES DA SILVA, Lisley C.²

Introdução

As transformações contemporâneas que perpassam a educação brasileira exigem que a Pedagogia recorra à sua radicalidade científica, ética, política e humana. Em tempos de plataformização da vida, ampliação da educação a distância, mercantilização dos processos formativos e disputas democráticas, torna-se necessário refletirmos sobre os sentidos da formação humana, da justiça social e da prática educativa, visto que, em nosso contexto atual estão em disputa projetos de ideário, de Estado, sociedade, democracia, cidadania e educação. No campo educacional, dados do Censo da Educação Superior indicam que, em 2024, as matrículas na modalidade Educação a Distância corresponderam a 50,7% do total das matrículas de graduação no Brasil, superando as presenciais (Inep, 2025).

Esse dado não autoriza crítica simplista à modalidade a distância, mas convoca a Pedagogia a problematizar intencionalidades, mediações, vínculos, relações humanas e condições concretas de aprendizagem reorganizadas sob a lógica das plataformas, das métricas e da produtividade. O problema não está apenas na tecnologia, mas nas racionalidades que orientam seu uso nos processos formativos.

Este estudo parte da compreensão de que a Pedagogia não pode ser reduzida a técnica, metodologia de ensino ou adaptação instrumental aos interesses do mercado. Ao contrário, compreende-se a Pedagogia como ciência da educação, cujo objeto se vincula à prática educativa e à educabilidade dos sujeitos, assumindo imperativo ético-político que reflete, avalia e discute os fins e valores da educação em determinado tempo e espaço históricos (Franco, 2017). Nessa perspectiva, falar em Pedagogia Crítica exige falar de politicidade, dialogicidade, reflexividade, justiça social, equidade, direitos humanos, conscientização, emancipação e humanização.

¹ Mestra, Centro Paula Souza – FATEC Praia Grande, leiny.leite@gmail.com.

² Doutora, Gota de Leite, gomeslisley@yahoo.com.br.



Segundo Paulo Freire (2014), a educação é prática social e política, constituída pela relação entre sujeitos históricos e capazes de intervir no mundo. Nessa direção, o diálogo não se limita à conversa ou à troca de informações, mas se apresenta como relação de conhecimento, escuta, pergunta, problematização e construção coletiva de sentidos. De igual modo, o conflito não deve ser compreendido apenas como ruído ou problema a ser eliminado. Ao ser assumido pedagogicamente, pode tornar-se possibilidade de leitura crítica da realidade, desvelamento de contradições, conscientização e construção de caminhos coletivos voltados à justiça social.

A problemática que suleia este trabalho pode ser assim formulada: como o diálogo e o conflito, compreendidos como categorias ético-político-pedagógicas, podem contribuir para a construção de uma racionalidade pedagógica crítica emancipadora diante da plataformização, da privatização e das disputas democráticas contemporâneas em torno da educação? O objetivo geral consiste em analisar como tais categorias contribuem para uma racionalidade orientada pela conscientização, justiça social, direitos humanos e humanização dos sujeitos.

Método

Trata-se de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter teórico-reflexivo, desenvolvida a partir de análise crítico-bibliográfica de produções que fundamentam a Pedagogia como ciência da educação, o diálogo pedagógico, o conflito como ato pedagógico, a emancipação e a justiça social.

A pesquisa bibliográfica, neste estudo, não é compreendida como levantamento neutro de autores, mas como exercício de leitura crítica, situado historicamente, voltado à construção de sentidos sobre a prática educativa. Parte-se da compreensão de que a investigação teórica exige rigor na seleção, interpretação e articulação dos referenciais, de modo a evitar repetições, generalizações e apropriações descontextualizadas.

Como referenciais de apoio, o estudo dialoga com Paulo Freire, Maria Amélia Santoro Franco, Enrique Dussel, Walter Mignolo, Jürgen Habermas, María Cristina Martínez Pineda e Emilio Guachetá Gutiérrez, sem perder de vista que o eixo central da análise permanece na relação entre diálogo, conflito, politicidade e racionalidade pedagógica crítica emancipadora.

Discussão e Resultados

A primeira dimensão a ser destacada é que a Pedagogia não se confunde com técnica de ensino nem com mera operacionalização de conteúdos. Ela é ciência da educação porque se



ocupa da prática educativa, da educabilidade humana e da intervenção crítica nos processos de formação. Quando abdica da criticidade, corre o risco de converter-se em tecnologia social de regulação, dominação, domesticação ou ajustamento dos sujeitos (Franco, 2017).

Essa compreensão torna-se urgente diante de racionalidades educacionais marcadas por controle, padronização, desempenho, cálculo e gestão de resultados. A plataformização da educação, quando orientada por interesses mercadológicos, pode reduzir a formação humana a fluxo de dados, consumo de conteúdos e certificação em escala. Assim, o problema não está apenas na existência da tecnologia, mas na intencionalidade político-pedagógica que a orienta.

É nessa fresta que o diálogo comparece como categoria fundante. Na perspectiva freireana, o diálogo pedagógico não se reduz à conversa, à troca de opiniões ou à estratégia de participação. Constitui-se como relação de conhecimento, escuta, pergunta, problematização e construção coletiva de sentidos. Sem diálogo, a mediação tecnológica pode converter-se em novo formato de educação bancária, agora digitalizada. A crítica freireana à educação bancária permanece atual porque denuncia práticas que silenciam sujeitos, separam conhecimento e existência e impedem a construção coletiva da consciência crítica (Freire, 2014).

O conflito, por sua vez, precisa ser ressignificado. A tradição tecnicista tende a compreendê-lo como desordem, falha ou problema a ser eliminado. Entretanto, na Pedagogia Crítica Freireana, o conflito pode ser compreendido como categoria pedagógica quando atua a favor da conscientização, da emancipação, da autonomia e da construção de um contexto social mais justo, democrático e equânime. Não se trata de romantizá-lo nem confundi-lo com violência, mas de reconhecê-lo como expressão das contradições que atravessam sujeitos, instituições e sociedades.

A articulação entre diálogo e conflito permite anunciar uma racionalidade pedagógica crítica emancipadora. Essa racionalidade não se limita ao uso formal da razão. Trata-se de racionalidade comprometida com a leitura crítica da realidade, com a práxis social, com a formação de sujeitos conscientes e com a transformação das condições desumanizantes. Entendemos que a racionalidade crítica é compreendida como pensamento atravessado pela reflexividade crítica, pelo diálogo coletivo entre sujeitos e suas condições sócio-históricas, pela articulação entre teoria e prática, pela conscientização e pela emancipação.

Esse ponto permite diálogo com os pensamentos de Habermas, especialmente quando a ação comunicativa possibilita pensar o entendimento intersubjetivo e a construção



compartilhada de sentidos (Habermas, 2012). Contudo, a perspectiva freireana amplia essa compreensão, pois o diálogo não se dá em campo neutro, mas em realidades marcadas por desigualdades, opressões e negação de direitos. Desse modo, o diálogo pedagógico é comunicativo, mas também ético, político e libertador.

A ética é compreendida com as perspectivas de Paulo Freire e Enrique Dussel. Em Freire (1996), liga-se à responsabilidade do sujeito histórico que decide, rompe, intervém e assume compromisso com a humanização. Em Dussel (2020), a ética da libertação convoca a reflexão a partir da vida concreta das vítimas, dos excluídos e dos sujeitos historicamente negados em sua dignidade. Assim, uma racionalidade pedagógica crítica emancipadora não pode ser neutra diante da injustiça.

A perspectiva decolonial, especialmente em Mignolo (2017), amplia essa crítica ao denunciar os limites da racionalidade moderno-colonial e a necessidade de deslocamentos epistêmicos capazes de reconhecer outros modos de ser, saber, existir e produzir conhecimento. Do mesmo modo, Pineda e Guachetá Gutiérrez (2020) defendem a necessidade de educar para a emancipação a partir de uma práxis crítica situada no Sul, questionando políticas e macroestruturas do capital que passam a definir o que, como e para que ensinar.

Os resultados teóricos preliminares indicam que diálogo e conflito são categorias indispensáveis à construção de uma racionalidade pedagógica crítica emancipadora. O diálogo possibilita escuta, pergunta, problematização e construção coletiva do conhecimento. O conflito permite desvelar contradições, desigualdades, opressões e disputas de sentido. A politicidade situa ambos na realidade histórica concreta, impedindo que sejam transformados em técnicas vazias.

Conclusões

Conclui-se que a Pedagogia, compreendida como ciência da educação e prática social de intervenção, não pode permanecer indiferente aos movimentos contemporâneos que atravessam a formação humana. O avanço da educação a distância, da plataformização e da privatização exige análise crítica, sem negação simplista da tecnologia, mas também sem submissão ingênua às racionalidades mercadológicas que tendem a converter a educação em produto, desempenho e certificação.

Nesse contexto, diálogo e conflito assumem centralidade na construção de uma racionalidade pedagógica crítica emancipadora. O diálogo permite que os sujeitos sejam



reconhecidos em suas vozes, histórias, saberes e condições concretas de existência. O conflito, quando pedagogicamente compreendido, deixa de ser apenas problema a conter e passa a ser possibilidade de leitura da realidade, denúncia das contradições e anúncio de novas formas de convivência, justiça social e humanização.

A racionalidade pedagógica crítica emancipadora exige uma Pedagogia comprometida com conscientização, equidade, direitos humanos, ética da libertação e transformação social. Trata-se de defender uma ciência pedagógica que não se submeta ao conformismo, ao silenciamento ou à adaptação tecnicista, mas que atue, com rigor e esperança, na formação de sujeitos capazes de intervir no mundo, com o mundo e com os outros.

Palavras-chave

Pedagogia Crítica. Diálogo. Conflito. Politicidade. Emancipação.

Referências

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de acolhimento e inclusão: a perspectiva da pedagogia crítica. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp. 2, p. 964-978, nov. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOMES DA SILVA, Lislely C. **O diálogo que se faz pedagógico nas práticas pedagógicas**. Arco Editores, 2023. Disponível em: https://96abf9fb-a2b4-4f23-8e8b-68d6bbf54168.usrfiles.com/ugd/96abf9_f98cc9878c2c4492bbdb13a71431beac.pdf. Acesso em: 11 abr. 2026.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Inep divulga resultado do Censo da Educação Superior 2024. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/censo->



da-educacao-superior/inep-divulga-resultado-do-censo-superior-2024. Acesso em: 11 abr. 2026.

LEITE, Leiny Gomes da Silva. O conflito no centro do ato pedagógico: contribuições freireanas para a formação e autoformação de sujeitos. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Universidade Católica de Santos, Santos, 2024.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

PINEDA, María Cristina Martínez; GUTIÉRREZ, Emilio Guachetá. **Educar para la emancipación: hacia una praxis crítica desde el sur**. Bogotá: CLACSO; Universidad Pedagógica Nacional, 2020.

